



**ST11. ENSINO DE HISTÓRIA INTERFACES ENTRE O ENSINO SUPERIOR E A EDUCAÇÃO BÁSICA**

744

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS:  
APROXIMAÇÕES**

*Isaac Cardoso Santos<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho ocupa-se em discutir o lugar da disciplina História nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, período referente ao processo de alfabetização. Deste modo, analisaremos qual a relação entre os conteúdos e métodos da referida disciplina e os métodos de alfabetização/letramento, o distanciamento dos historiadores desta questão, e, ainda, as dificuldades dos professores polivalentes (pedagogos) em ministrar a disciplina de História para os alunos que ainda não dominam a leitura e a escrita. Para isso, contaremos com as contribuições dos trabalhos de Selva Guimarães Fonseca (2009), Circe Bittencourt (2009), Márcia Hipólide (2009), Ivo Goodson (2007), Paulo Freire (2001), Magda Soares (2004), dentre outros que se dedicam a estas questões. A História do Tempo Presente e a História Cultural serão as abordagens que possibilitaram a confecção deste trabalho e, assim, buscaremos os trabalhos de Rodolfo Fiorucci (2011), Jean Mac Cole Tavares Santos (2009), Sandra Jatahy Pensavamento (2005) e Peter Burke (2008).

**Palavras-chave:** História, alfabetização/letramento, leitura e escrita.

A História, desde o seu nascimento até a sua configuração enquanto disciplina, tem motivado muitos historiadores a pesquisarem sobre seu caráter e sua função dentro do currículo escolar, sobretudo, no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Suas possibilidades, novas e modernas roupagens são, quase sempre, o foco abordado em muitos trabalhos de historiadores que se ocupam da Metodologia e Didática do ensino de História.

A maior parte destes trabalhos é direcionada para análises de livros didáticos de História- também privilegiando as modalidades de ensino supracitadas-, novos temas nas aulas de História, o trabalho com textos imagéticos, as possibilidades de usos de mídias nas aulas de História. Há, ainda, uma parcela de trabalhos que se dedicam a análise da História da disciplina História, mas, a imensa maioria das pesquisas, se direciona para o trabalho com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio ficando, assim, fora do foco destes trabalhos, o Ensino Fundamental I. O

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPB. E-mail: icarsantosufpb@gmail.com

trabalho com crianças do 1º ao 5º ano desta modalidade parece não despertar muito interesse dos historiados.

De forma geral, esta modalidade de ensino no Brasil não trabalha com professores especialistas para cada disciplina. Os docentes que trabalham com crianças do 1º ao 5º ano tem formação em Pedagogia e, muitos destes, uma formação de nível médio em Magistério (em muitos municípios brasileiros a formação superior ainda não atingiu boa parte dos professores das séries iniciais). Deste modo, tais professores são polivalentes em sala de aula, lecionando História, Geografia, Português, Ciências, Matemática, Religião, Artes, dentre outras disciplinas que podem compor o currículo.

Este polivalentismo pode ser um ponto positivo e muitos pesquisadores afirmam isso, mas é importante perceber que tais profissionais recebem uma formação curta/ligeira em seus cursos de graduação, geralmente uma ou duas disciplinas de Metodologia do Ensino de História (carga horário de 60h), para trabalharem os conteúdos destinados aos cinco anos que vão lecionar. O que nos cabe enquanto historiadores/professores de história é entender e analisar como este ensino ocorre, como estes profissionais relacionam o aprendizado na academia sobre História com os livros didáticos que escolhem e utilizam em sala de aula e, ainda, como estes profissionais abordam e desenvolvem os conceitos históricos com seus alunos e como entendem o processo de alfabetização e que métodos utilizam.

### **A ALFABETIZAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: QUAL A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA?**

As séries iniciais do Ensino Fundamental, sobretudo os três primeiros anos, são dedicadas ao processo de alfabetização dos alunos, aquisição de leitura e escrita, segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (BRASIL2012), processos interligados e imbricados, mas nem sempre esta ligação entre leitura e escrita foi concebida. Durante longo tempo o processo de alfabetização separou a escrita da leitura. Primeiro ensinava a escrever e depois ensinava a ler o escrito. Outro aspecto deste modo de alfabetizar era a centralidade do texto escrito, os textos não escritos, imagens, dentre outros, eram desprezados neste processo de alfabetização tradicional.

Aprender a contar era outra habilidade que os alfabetizando teriam de desenvolver durante este processo e, deste modo, o uso da memória para decorar toda a tabuada e as quatro operações básicas eram desafios aos alunos que queriam entrar na antiga 1ª série do Ensino Fundamental I (hoje 2º ano). Assim, a alfabetização mobilizava apenas as disciplinas Português e Matemática neste processo, pois escrever, ler e saber fazer as quatro operações matemáticas básicas eram os objetivos da alfabetização.

As outras disciplinas, Estudos Sociais (conjugação de História e Geografia) e Ciências, tinham lugar marginal no currículo. A primeira se caracterizava pela repetição/ “decoreba” de grandes acontecimentos históricos, seus heróis e as datas de seus feitos, os tipos de relevos, nomes de rios, nomes das capitais de cada estado, dentre outras informações passíveis de memorização. Cabe ressaltar que esta disciplina era pouco trabalhada, no que se refere à carga horária e trabalhada com os alunos, muitas

vezes, para focar datas comemorativas (os conteúdos referentes à História, principalmente). Mas como a gestão escolar precisava formalizar documentalmente o ensino e as avaliações desta disciplina, as aulas acabavam por anteceder os períodos de provas. Não atendendo assim os objetivos da disciplina que conhecemos hoje.

O ensino de Ciência, naquele contexto, não se distanciava muito do ensino de Estudos Sociais, pois tinha lugar desprivilegiado e uma carga também pequena. Conhecer a natureza e preservá-la, cuidar do meio ambiente e ter cuidados com a saúde eram os temas mais recorrentes da Ciência neste processo de alfabetização.

Da década de 1990 até os dias atuais observamos uma verdadeira ojeriza aos métodos tradicionais de alfabetização. O lugar do aluno no processo e a inflexibilidade de didáticas, métodos e matérias didáticos são os elementos mais passíveis dos críticos deste processo. Ressalta-se que tais críticas são válidas, mas não podemos deixar de explicitar que muitos professores, que são hoje alfabetizadores, foram alfabetizados por métodos tradicionais e que, apesar de muitos tecerem críticas a eles, trabalham, mesmo que de forma inconsciente, com abordagens bem próximas deles.

Não podemos ignorar que os discursos de muitos docentes e até mesmo as propostas pedagógicas de muitas Secretarias de Educação, estão desvinculados das práticas onde atuam, pois quando observamos as aulas de muitos alfabetizadores percebemos uma desarticulação entre o que dizem acreditar enquanto concepção e método de alfabetização e a sua atuação docente:

A ideia de alfabetização como ensino do alfabeto e decifração de sílabas e letras esteve norteando o trabalho escolar por muitas décadas e ainda se encontra no imaginário e na prática docente na escola atual. Os estudos e discussões sobre o conceito e os métodos de alfabetização nem sempre chegam ao conhecimento dos professores que se ocupam com as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Muitas vezes, chegam aos professores em forma de palestras e cursos aligeirados, sem o necessário estudo das respectivas fundamentações teóricas, resultando em uma interpretação enviesada dos conceitos de alfabetização e das respectivas propostas metodológicas. Outras vezes são enviadas publicações, a exemplo dos Parâmetros Curriculares, que a maioria dos professores não lê ou, quando lê, tem dificuldades para compreender as ideias apresentadas, resultando inútil e inoperante a leitura feita. (LEITE, 2014, p. 121-122).

Tal questão pode ter inúmeras explicações, mas não podemos deixar de perceber que existe uma lacuna entre teoria e a prática de alguns destes professores. Apesar de muitos alfabetizadores perceberem o letramento como importante e eficaz para o processo de alfabetização, muitos se distanciam deste método ao privilegiar o ensino de Português e Matemática colocando desta forma, em lugar marginal deste processo as outras disciplinas que compõem o currículo.

Para Soares (2004) o letramento, contrário e conflitante com os métodos tradicionais de alfabetização, valoriza os conhecimentos do aluno – sujeitos no processo de alfabetização- e não desvincula leitura de escrita, assim como não se fecha aos textos escritos e a tabuada. Ele valoriza e usa o conhecimento de mundo dos alunos, seus saberes aprendidos com a família, com outras crianças, enfim. A alfabetização, através

do letramento, contextualiza o texto aprendido, no tempo, no espaço e no contexto de cada aluno. Deste modo, fica latente que a alfabetização não precisa desprezar os saberes de outras disciplinas, pois, a interdisciplinaridade potencializa o aprendizado e, além disso, ajuda o letrar/alfabetizar os alunos em História, em Ciências, em todas as áreas do conhecimento se aproximando, desta forma, ao processo revolucionário de alfabetização que conceba o homem como sujeito transformador da sua realidade e do mundo, Freire (2001).

Algumas teorias do conhecimento ajudaram a afastar a disciplina História do processo de alfabetização, alegando que os conceitos desta seriam inalcançáveis para crianças que não tinham condição biológica de absorver tantas abstrações. Jean Piaget foi um dos fundadores do construtivismo que, de forma indireta, advogava esta distância entre as crianças e alguns temas/conteúdos de História. Muitos profissionais da educação compraram esta ideia e, deste modo, a disciplina ficou, mesmo em dias atuais, a margem do processo de alfabetização. Mas, alguns pesquisadores, que se dedicam ao estudo do ensino de História nas séries iniciais, vêm discursando contra esta relação entre História e alfabetização.

Ao contrário deste quadro, alguns pesquisadores vêm expondo a importância do ensino de História para crianças em processo de aquisição de leitura e escrita. Neste sentido, podemos destacar os trabalhos O trabalho de Fonseca (2009), por exemplo, elucida diversas questões sobre o ensino de história e a sua importância para o processo de alfabetização de jovens e crianças. Ela percebe em suas práticas pedagógicas a impossibilidade de um ensino de História positivista contribuir de forma eficaz para o processo de formação de crianças críticas e capazes de interferir nos contextos em que vivem. Entende a desvinculação entre História e Geografia como interessante, mas adverte que a polivalência dos professores dos anos iniciais é algo rico no processo de alfabetização.

As análises realizadas pela professora aproximam-se do interesse desse projeto quando a mesma questiona a não participação da História no processo de alfabetização. Diante de sua vasta experiência enquanto professora alfabetizadora e atualmente professora universitária, pois o processo de alfabetização, mais moderno e amplamente discutido no Brasil (letramento), rompe com a ideia de que é necessário a criança saber ler e escrever para aprender História já que, ao entender o processo de alfabetização como leitura, compreensão de mundo e das palavras, todas as áreas curriculares contribuem para o processo (Fonseca, 2009).

O trabalho interdisciplinar é salutar para o processo de alfabetização da criança, isto porque enriquece o processo de ensino ao mobilizar conhecimentos que perpassam por muitas áreas do conhecimento, dando mais de uma visão do tema/conteúdo a ser trabalhado.

As contribuições trazidas para este trabalho pela professora Bittencourt (2009) são, sobretudo, no que se refere aos estudos feitos por ela a respeito da formação dos conceitos históricos. O confronto entre Piaget e Vygotsky é utilizado para tais estudos, o que se relaciona diretamente com aqueles questionamentos sobre a utilidade ou não de se ensinar História para alunos em processo de alfabetização.

Ao analisar o pensamento de Piaget (1980), Bittencourt (2009) destaca que ele definiu muitas práticas pedagógicas que submetiam a aprendizagem somente ao desenvolvimento biológico, o que complicava e por vezes atrapalha o processo de ensino por não valorizar outras dimensões importantes, a dimensão social, por exemplo.

No que tange à apropriação de conceitos científicos por crianças em processo de alfabetização, ela contrapõe o pressuposto de Piaget – que entende o conceito espontâneo e o conceito científico como antagonísticos, entendendo o primeiro como um obstáculo à constituição do segundo – com o de Vygotsky que defende a interação entre os conceitos, espontâneo e o científico, e enfatiza a aquisição social dos conceitos.

Diante destas questões, Bittencourt (2009) observa a importância dos conhecimentos prévios dos alunos, sobretudo no que se refere ao conhecimento histórico, e adverte que a História não pode e não deve ignorar tais conhecimentos formados a partir das experiências cotidianas dos alunos.

Os estudos de Bittencourt (2009) reforçam a necessidade de interação entre saberes para formação de alunos alfabetizando e, ainda, contrapõem-se às ideias de que a História deve ser ensinada depois de os alunos serem alfabetizados.

Os estudos de Hipolide (2009) contribuem imensamente para a relação entre a História e o processo de alfabetização, pois ela preocupa-se com a formação destes professores em relação às teorias e metodologias da área de História e, também, com a busca de novos e interessantes materiais para serem mobilizados pelos professores em suas aulas.

Os estudos realizados por Ferreira e Franco (2009) trazem a necessidade da reflexão sobre conteúdos e conceitos utilizados nas aulas de História como fator preponderante para prender a atenção das crianças e despertar a sua curiosidade. Sugerem novos recursos e novas abordagens para os professores e entendem a utilização de mídias como importante nessa fase escolar.

Pacheco (2009), entende a alfabetização como o processo de apropriação de uma dada linguagem e destaca a importância da História para a iniciação e o uso de conceitos e procedimentos próprios das ciências humanas para observar e interpretar os fenômenos sociais. Propõe que a disciplina escolar de história promova no educando a apropriação e o uso de conceitos como o tempo, espaço, processo histórico, instituições sociais, entre outros, e faça a iniciação ao uso das estratégias de organização e interpretação temporal dos eventos.

Deste modo, Pacheco (2009) e os outros pesquisadores aqui apresentados, reforçam a contribuição da História no processo de alfabetização das crianças, ressaltando a necessidade da reflexão sobre as práticas pedagógicas adotadas por professores que atuam nesta fase escolar.

## **O CURRÍCULO DE HISTÓRIA NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Outra preocupação que os historiadores devem ter em relação à História e o processo de alfabetização de crianças é com o currículo desta disciplina, pois um currículo é, sempre, produto de escolhas, visões, interpretações, concepções de alguém

ou de algum grupo que, em determinados espaços e tempos, detém o poder de dizer e fazer Goodson (2007). Os currículos de História – sejam aqueles produtos das políticas públicas ou da indústria editorial, sejam os currículos construídos pelos professores na experiência cotidiana da sala de aula – expressam visões e escolhas, revelam tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e distanciamentos.

Os conteúdos e a seleção/escolha dos mesmos para formação do currículo, de forma geral e atentando para as orientações expressas pelos Parâmetros Curriculares de História da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental I, formatam a abordagem dos conteúdos de História dos contextos mais próximos dos alunos (local) para contextos mais distantes (globais) e isso acaba gerando outras questões para resolução desses pesquisadores.

Os conteúdos são abordados, de forma geral, da seguinte forma: no 1º ano se estuda a história do aluno, sua relação com sua família, a história de sua casa, enfim; no 2º ano ele amplia abordagem anterior e inclui a história do seu bairro, das casas, ruas e construções deste ambiente e relaciona a sua família com outras famílias; no 3º ano o aluno amplia ainda mais algumas abordagens e inclui a história do seu município, conhecendo os espaços de memória do mesmo e suas especificidades.

O grande problema deste quadro é o fato de que a maior parte dos livros didáticos não consegue, nem poderiam abordar as histórias dos mais de 5.000 municípios brasileiros. Isso se ocorresse, também não seria positivo, pois os livros se configurariam em enciclopédias municipalizadas e, deste modo, bem distante estariam de contribuir para a problematização de conteúdos das histórias de cada município nas aulas de História.

Mas como resolver tudo isso? Como operacionalizar um currículo que atenda as necessidades de cada município? Tais questões merecem muita reflexão, mas podemos perceber que é necessário e urgente que os historiadores olhem para a disciplina História, em todos as fases de escolarização, como campo de estudo e pesquisa importante para a História, pois a História ensinada na escola e a História acadêmica não devem ser lados opostos divididos por muralhas construídas por estereótipos e preconceitos acerca do papel do historiador professor da educação básica e o papel do historiador professor da educação superior.

Devemos compreender a didática de forma ampla e distante daqueles que a enxergam apenas como simples transposição de conhecimento, didática da cópia e, assim, entender que a didática não deve ser uma preocupação apenas dos pedagogos, pois ela extrapola até mesmo a escola já que refere-se a aprendizado de forma geral e este dá-se fora desta. Deste modo, “a ciência da história é, para a didática da história, uma instância que tem de ser consultada se importa as diversas formas e os diferentes conteúdos do aprendizado histórico”. ( RUSEN, 2010, p. 92).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das provocações/considerações acima expostas, podemos perceber que este quadro refere-se também ao próprio campo de atuação do historiador, pois os pesquisadores, historiadores ou não, que têm se ocupado do Ensino de História nas

séries iniciais precisam recorrer aos programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Educação, já que os programas de pós-graduação em História, a imensa maioria deles, não se dedicam a temática. O que demonstra, como já foi dito, certa irrelevância ao tema dentro da maioria destes programas.

Fica a impressão de que tratar das séries iniciais é algo menor, sem importância e, deste modo, deixamos esta fase escolar a cargo de outros profissionais que, muitas vezes, não têm formação na área de História e, desta forma, delegamos a outros uma função que deveria nos ocupar.

Precisam os historiadores, trabalhar conjuntamente com os coordenadores pedagógicos e os professores que atuam nestas séries/anos escolares, pois é primordial que a História seja ensinada para as crianças de forma responsável e prazerosa.

Acreditamos que a aproximação dos historiadores destas questões enriquecerá imensamente o debate e, ainda, tornará mais notória à necessidade de se rever o lugar que a disciplina tem ocupado nestes três primeiros anos do ensino fundamental. Para que isso ocorra de forma positiva é necessário que estes historiadores dediquem-se a compreensão do processo de alfabetização, das psicologias da educação e metodologias e didáticas de ensino. Deste modo, esta aproximação possibilitará um aprendizagem tanto para os historiadores quanto para o pedagogos que se dedicam e se interessam pela discussão.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos métodos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: entendendo o pacto**. 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>. Acesso em 25/06/2014.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes e FRANCO. **Aprendendo História: reflexões e ensino**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009

FIORUCCI, Rodolfo. **Considerações acerca da História do Tempo Presente**. In: Revista Espaço Acadêmico, n. 125, out.2011. Disponível em: [https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=Considera%C3%A7%C3%B5es+acerca+da+Hist%C3%B3ria+do+Tempo+Presente+Rodolfo+Fiorucci\\*](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=Considera%C3%A7%C3%B5es+acerca+da+Hist%C3%B3ria+do+Tempo+Presente+Rodolfo+Fiorucci*). Acesso: 03/07/2014.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História: Anos iniciais do Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados. São Paulo, v.15, n. 42, mai/ago. 2001.

GOODSON, Ivo. **Currículo, narrativa e futuro social**. Revista Brasileira de Educação. v.12, n.35, mai/ago. 2007.

HIPOLIDE, Márcia. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental – metodologias e conceitos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

LEITE, Maria Iza Pinto de Amorim. **Alfabetização: um desafio**. In: Alfabetizar crianças e pessoas jovens, adultas e idosas: reflexões e análises de uma proposta/orgs: SANTOS José Jackson Reis dos; PEREIRA, Sandra Márcia Campos; ARAGÃO, José Wellington Marinho de. Salvador: EDUNEB, 2014.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino Escolar de História como Alfabetização Humanística**. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 116 a 123, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/viewFile/1850/1356>. Acesso em: 18/11/2012.

PIAGET, Jean. **A noção do tempo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo; Contexto, 2009.

RUSEN, Jorn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2010.

SANTOS. Jean Cole Mac Tavares. **A Atualidade da História do Tempo Presente**. In: *Revista Historiar*, ano 1, n. 1, 2009. Disponível em: [https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=a+atualidade+da+hist%C3%B3ria+do+tempo+presente](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=a+atualidade+da+hist%C3%B3ria+do+tempo+presente). Acesso: 20/06/2014.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. *Revista Brasileira de educação*, n 25, p 5-17, jan/abr., 2004